



Editorial

Uma edição sob o signo da linguagem

Mais um mês passado e cá estamos nós, nesta segunda-feira para vos fazer um pouco de companhia. Sendo a linguagem uma característica fundamental do ser humano, nesta edição temos dois artigos dedicados a esta temática. Maria Augusta Cavaco fala-nos da descoberta do gene FOXP2 e das repercussões que este facto teve na discussão em torno da origem da linguagem. Ainda a propósito da linguagem, fazemos uma reflexão acerca da forma como os jovens a usam na actualidade.

Numa incursão pelo mundo da banda desenhada, Orlando Cláudio apresenta-nos a série *Sandman*.

O Bilhete de Identidade dá-nos a conhecer Tiago Furtado, um jovem licenciado em Comunicação Social e Cultura presentemente a estagiar na Rádio Atlântida.

O entrevistado deste mês é Kadir Cansi, um aluno Erasmus que nos conta a sua experiência. Antecipamos o debate acerca do caso WikiLeaks, que se irá realizar na UAc no próximo dia 15.

Na secção A ver/A ouvir falamos de um novo projecto, uma nova forma de fazer música e vídeo, denominado Vídeo Jack. Desejamos-lhe uma boa leitura, continuação de um bom mês e contamos consigo na nossa próxima edição.

ANA FREITAS (3.º ANO CSC)

Sandman, uma história em BD sobre sonhos

Foi já no ano de 1988 que a *Detective Comics*, famosa por lançar mensalmente bandas desenhadas tão famosas quanto *Batman* ou *Superman*, começou a publicar *Sandman*. Com argumento de Neil Gaiman, um antigo jornalista musical, e ilustração de vários jovens e talentosos artistas, *Sandman* fugia ao popular género de banda desenhada de super-heróis, contando histórias sobre a relação das pessoas (e não só) com os sonhos.

As histórias em si são muito variáveis em termos de tom. Algumas puxam para o terror, outras para a fantasia, outras para o drama, mas todas elas falam sobre os sonhos e, mais concretamente, o Senhor dos Sonhos: Sonho, dos Eternos.

Os Eternos são sete entidades personificadoras da natureza: Destino, Morte, Sonho, Destruição, Desejo, Desespero e Delírio. Apesar do protagonismo de Sonho, todos os Eternos têm um papel importante na série.

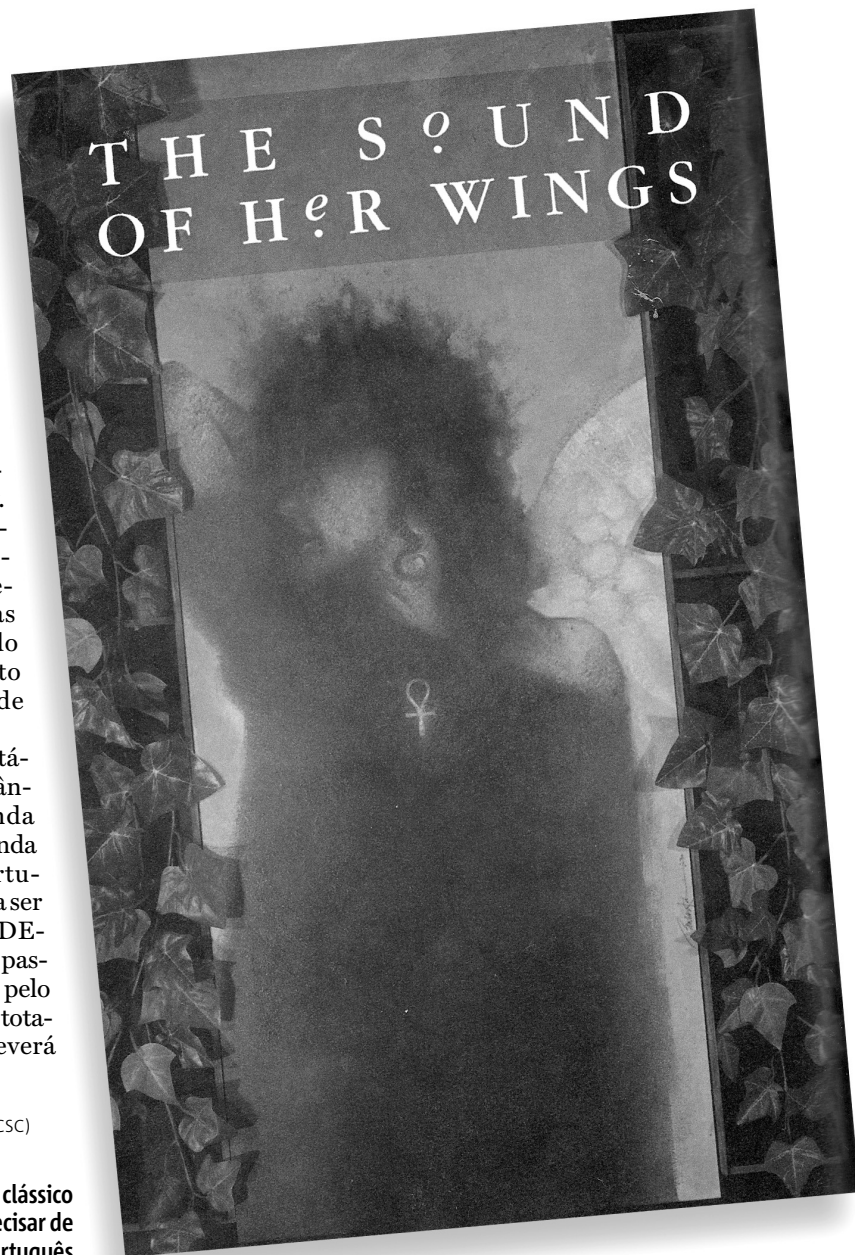
Em termos de estrutura, *Sandman* consiste em 75 capítulos dispersos por dez volumes. Embora haja um fio condutor que unifica a série desde o primeiro volume até ao último, existem vários capítulos, por vezes volumes inteiros, independentes da história principal. Um destes capítulos, *A Midsummer Night's Dream*, baseado numa obra homónima

de Shakespeare, ganhou um World Fantasy Award na categoria de Short Fiction, sendo a única banda desenhada a alguma vez ter ganhado o prestigiado prémio. O sucesso da série foi tal que deu origem a duas mini-séries sobre *Morte* e a uma nova série, *Lúcifer*, com argumento de Mike Carey. Esta série tem como protagonista Lúcifer, Senhor dos Infernos, e segue as suas aventuras após o seu abandono do Inferno, acontecimento passado nas páginas de *Sandman*.

Apesar da sua incontestável qualidade e importância no contexto da banda desenhada, *Sandman* ainda carece de tradução portuguesa. A série começou a ser editada em 2004 pela DEVIR, mas o projecto mal passou do primeiro volume, pelo que quem a quiser ler na totalidade em português deverá obter a versão brasileira.

ORLANDO CLÁUDIO (3.º ANO CSC)

Sandman é um clássico de BD ainda a precisar de tradução para português



Investigação em Linguística

Augusta Cavaco fala-nos das repercussões da descoberta do gene FOXP2

página 2

Entrevista

Kadir Cansi, aluno do programa Erasmus na UAc em 2009-2010

página 3

Opinião

Vídeo Jack, um projecto inovador apresentado por Júnior Lins

página 4

Como passa os seus tempos livres?

Normalmente opto por um bom filme quer seja em casa, quer seja no cinema. Mas não dispenso um bom passeio nas tardes de Domingo, onde aproveito para fazer exercício físico, conviver com a família e amigos independentemente do local, desde que seja calmo. Adoro ouvir música e ver um bom documentário ou uma boa série.

Costuma ler jornais e revistas? Quais?

Sim, já se tornou um hábito (saúdavel) diário. A primeira leitura é dos jornais regionais, seguindo-se os nacionais. Contudo, ao longo do dia acompanho os títulos através dos sites de meios de comunicação online.

Bilhete de Identidade Tiago Furtado

Licenciado em
Comunicação
Social e Cultura
e estagiário
na Rádio Atlântida



Qual a sua personagem de ficção favorita?

Recentemente aderi à onda de colocar na foto de perfil do Facebook uma personagem de ficção. Escolhi o Dartacão. Sempre gostei da série e via religiosamente cada episódio. Aliás, hoje em dia não há, ou se existirem são muito poucas, séries animadas capazes de transmitir tantos valores como havia nas décadas de 80 e 90.

O que pensa das redes sociais?

Penso que é uma invenção com duas facetas. Marcelo Rebelo Sousa disse em tempos, no seu espaço semanal, que em poucos anos o ser humano destruiu um dos direitos mais difíceis de se conquistar: a privacidade. Con-

cordo. Uso as redes sociais de forma moderada; olho para o Facebook como um prolongamento da minha vida pessoal (sem me expor em demasia), onde posso manter uma rede de contactos. Para exprimir opiniões pessoais prefiro o bom e velho blogue.

Qual o seu lema de vida?

Recentemente vi *The Peaceful Warrior*, um filme que é um lema de vida no todo. Nele aprendemos que na vida devemos dar mais atenção ao percurso e não ao objectivo. Em *Aparição* de Vergílio Ferreira existe uma frase que me ficou na memória: "É tudo tão simples. Tudo que é forte e decisivo acontece como ter fome."

O gene FOXP2 e a discussão em torno da origem da linguagem

A descoberta do gene FOXP2 teve repercussões importantes na discussão sobre a génese da linguagem

No bicentenário do nascimento de Charles Darwin, o conhecimento científico no campo da linguagem atingiu um nível de descrição impensável há ainda bem poucos anos atrás. O contributo da genética, com novas descobertas no gene FOXP2 do cromossoma 7, responsável biológico pela linguagem humana, veio lançar novos reptos à linguística, à psicologia e ao pensamento filosófico no concernente à origem e às características do lado mais misterioso do ser humano - a linguagem.

A curiosidade do Homem acerca da origem da linguagem tem-se manifestado desde tempos imemoriais e está registada nas grandes reflexões que chegaram até aos nossos dias sobre este tema, as quais deram azo às mais diversas teorias, destacando-se de entre elas a da origem divina. Porém, descobertas científicas recentes revelaram que a evolução da linguagem aconteceu em concomitância com a evolução da própria espécie humana, ao descobrir-se que uma mutação genética, que remonta a uns 200mil anos atrás, terá feito com que o homem falasse e se distinguisse dos outros primatas.

O que já era vastamente compreendido e possível de demonstrar anteriormente à descoberta do gene da linguagem era que, tal como os animais herdaram características comuns à sua espécie



O gene FOXP2 veio revolucionar as reflexões que têm sido feitas sobre a aquisição da linguagem

relativamente a formas de comunicação, assim também o homem herda estruturas mentais que lhe conferem a habilidade de usar a sua língua de uma forma que é exclusiva da sua espécie. Teoricamente, tem-se vindo a sustentar que as capacidades mentais que possibilitam a aquisição da linguagem são um potente mecanismo inato que permite que uma estrutura tão complexa como a língua humana seja adquirida com um mínimo de exposição e de tempo.

A estas discussões veio juntar-se agora a biologia com recentes dados acerca do gene FOXP2, responsável pela linguagem nos humanos. Estudos com a assim designada família KE, em que metade dos seus membros sofre de uma desordem genética rara, que se manifesta a nível linguístico, vieram demonstrar que o problema está directamente relacionado com o gene FOXP2, do cromossoma 7.

Pode-se considerar que esta foi uma descoberta extraordinária,

na medida em que foi revelada a grande incógnita sobre a origem da linguagem. Para além do mais, estes novos dados vieram desmistificar algumas hipóteses anteriores e dar à ciência uma nova leitura da linguagem humana e dos seus princípios fundamentais. Falta-nos agora percorrer mais algumas etapas até percebermos em que estruturas mentais assenta a Torre de Babel.

AUGUSTA CAVACO MIGUEL
(DOCENTE DO DLLM)



Termos micalenses revisitados em livro

Foi lançado no dia 29 de Janeiro o *Dicionário Sentimental da Ilha de S. Miguel*, elaborado por Fátima Sequeira Dias. Esta obra contém vários termos utilizados pelos micalenses, cujo significado é apresentado de forma humorística e tendo em conta o seu contexto sociocultural. O livro foi apresentado pela própria autora num evento que chamou muitos leitores ao hipermercado Sol Mar.

MICAELA SANTOS (2.º ANO CSC)



Mais um aniversário na UAc

A Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada comemorou o seu 52.º aniversário no passado dia 26 de Janeiro, no São Miguel Park Hotel. O evento contou com uma conferência da Prof.ª Dr.ª Maria José Bicudo dedicada ao tema "Do envelhecimento saudável à longevidade com qualidade". Seguiu-se a actuação da Enf(in)Tuna. A cerimónia terminou com um jantar convívio.

ANA FREITAS (3.º ANO CSC)

Erasmus, uma experiência única no percurso académico

O Erasmus é um programa de mobilidade para estudos ou estágios profissionais de estudantes, para missões de docentes e para formação no estrangeiro de funcionários. Este programa tem como objectivo promover a competitividade e a empregabilidade, em consonância com a aprendizagem de outra língua, reforçando a coesão social e a cidadania europeia.

A UAc é uma das instituições que se encontra ao abrigo deste programa. Em dez anos, recebeu 326 alunos e enviou 197. Tais números comprovam a grande projecção que a nossa universidade tem fora da região.

O GRI (Gabinete de Relações Internacionais) é o responsável pela organização das comemorações do dia Erasmus que tiveram lugar este ano no dia 4 de Novembro, em Ponta Delgada, e em 5 de Novembro, em Angra do Heroísmo.

Tais comemorações têm como objectivos divulgar o programa, esclarecer dúvidas, mostrar as experiências dos alunos da UAc que fizeram Erasmus e dar a conhe-

cer as universidades dos estudantes que vêm de fora.

Andreia Fausto, aluna de Ciências Agrárias da UAc que esteve em Erasmus no Reino Unido, afirmou que o Erasmus permite "entrar em contacto com outros métodos de ensino e culturas, enriquecendo-nos pessoalmente".

JORGE SILVA E MARIANA BOTELHO (2.º ANO CSC)



Eftychia Skampardoní e Anastasia Salappa, alunas de Erasmus na UAc

Caso WikiLeaks em discussão na UAc

A Universidade dos Açores reúne no próximo dia 15 de Fevereiro um conjunto de profissionais da área do jornalismo para discutir temas relacionados com o WikiLeaks, um caso mediático que tem levantado questões polémicas acerca dos valores por que se pautam os meios de comunicação social.

O debate, subordinado ao tema "WikiLeaks: liberdade de expressão ou violação de privacidade", contará com a presença de membros de diversos órgãos de Comunicação Social dos Açores. Na discussão vão participar várias personalidades ligadas ao jornalismo regional: Paulo Simões (*Açoriano Oriental* e rádio Açores TSF), Américo Natalino Viveiros (*Correio dos Açores*), Eduardo Brum (*Expresso das Nove*), Manuel Moniz (*Diário dos Açores*), Carlos Pires Antunes (Rádio Atlântida) e Pedro Bicudo (RTP/RDP Açores). O moderador do debate será o correspondente da SIC nos Açores, Estevão Gago da Câmara.

A organização está a cargo do Curso de



O debate realizar-se-á no próximo dia 15 na UAc

Comunicação Social e Cultura e do Mestrado em Ciências da Comunicação sediados no Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da universidade açoriana. O debate terá lugar no anfiteatro C situado no *campus* de Ponta Delgada, tendo início pelas 17 horas.

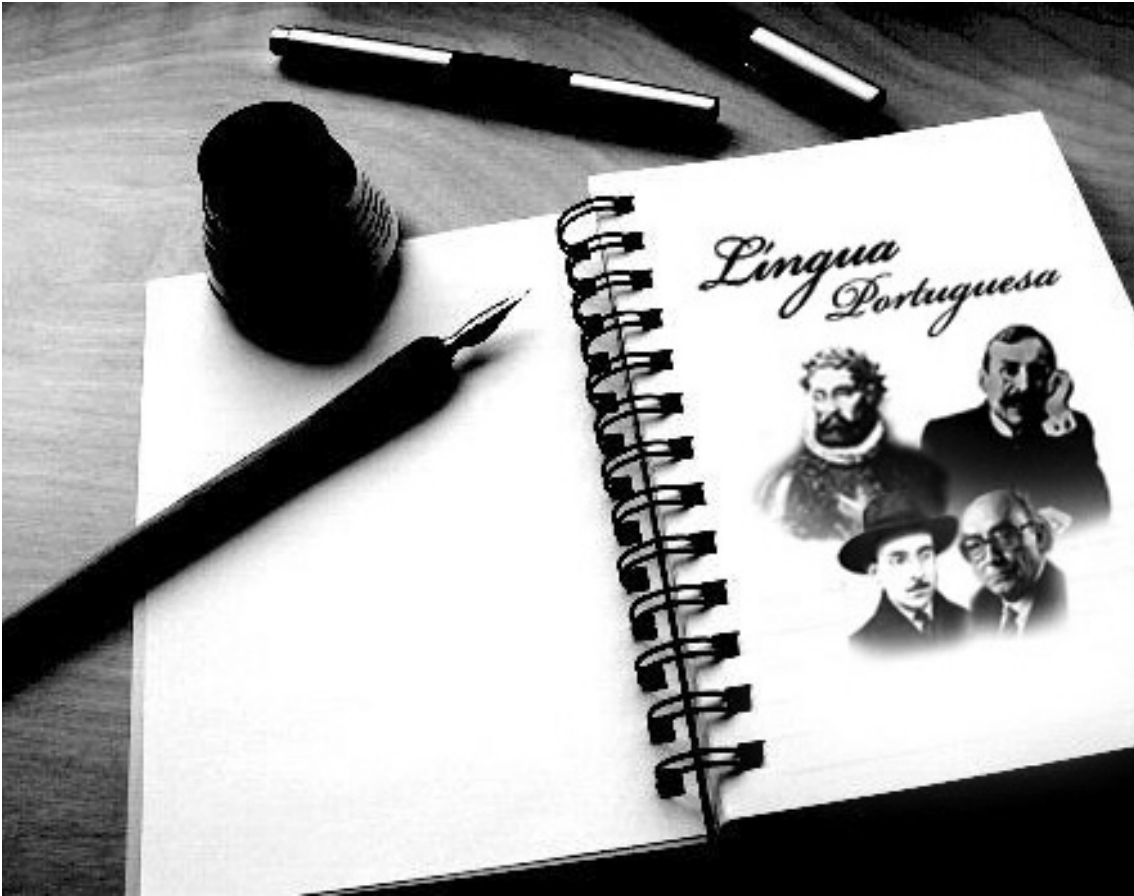
ALEXANDRA NARCISO (3.º ANO CSC)

A flor que perfuma este nosso triste Inverno

Algo que dia-a-dia é usado sem que lhe seja dada a devida atenção encerra uma beleza e singularidade únicas. Falo da nossa língua

Luís Vaz de Camões. Eça de Queirós. Fernando Pessoa. José Saramago. Nunca tanta mestria e excelência conseguiram estar unidas em apenas quatro frases compostas exclusivamente por substantivos próprios, sem verbos, sem adjectivos, sem complementos. Nomes que têm, já desde o longínquo século XVI, elevado bem alto os padrões da língua portuguesa. A nossa língua, esse bem a que tão pouco valor é dado neste nosso quotidiano indecoroso... Sinto-me na obrigação, agora, caro leitor, de lhe prestar contas.

Comecei esta reflexão com um parágrafo marcado por uma certa divagação, na esperança de que percebam que a língua portuguesa me percorre as veias. E aviso já os mais críticos de que este não é um texto escrito com o propósito de bajular os professores nem tão pouco de esperar um hipotético incremento das expectativas dos mesmos face à minha pessoa. Esta é uma reflexão honesta, sentida - por isso subjectiva -, que comporta nos seus braços a mais fina e delicada flor do mundo, a única que resiste à triste melancolia do Outono, ao gélido frio do Inverno, à excessiva inocência da Primavera e ao sufocante calor do Verão: a língua portuguesa. E se estas realidades não se lhe apresentam como ameaças, uma outra parece ter prazer em fazê-lo. É com doloroso pesar que abro a minha alma quando falo da pseudo-escrita utilizada por muitos milhares de pessoas nos computadores, especialmente os jovens,



Quatro vultos da língua portuguesa responsáveis pela intemporalidade desta

os que usam a língua hoje e que a hão-de gerir amanhã. Faz-me confusão haver pessoas que não conseguem discernir os momentos certos para utilizar a norma culta, uma linguagem mais formal e cuidada, dos outros em que é permitida uma margem de ma-

nobra maior para invenções. É absurdo qualquer aluno usar em momentos de avaliação a mesma linguagem que usa nas redes sociais. Casos destes até são mais comuns do que a sua mente, amigo leitor, lhe permite imaginar. Se as restrições causadas pelo limite do número de caracteres não fossem uma realidade, escreveria uma ou duas frases exemplificativas desta minha encruilhada de sentimentos para ilustrar a

barbaridade que é esta situação. Há seis séculos atrás, os navegadores portugueses partiram, destemidos, para uma epopeia de conquistas por mares desconhecidos. A nossa língua em nada difere dessa ousadia: como organismo vivo que é, altera-se, mas é capaz de resistir a modas que teimosamente perduram e envergonham todos os seus pretéritos.

RICARDO BETTENCOURT (2.º ANO CSC)

Entrevista Kadir Cansi

“A UAc é uma grande família”

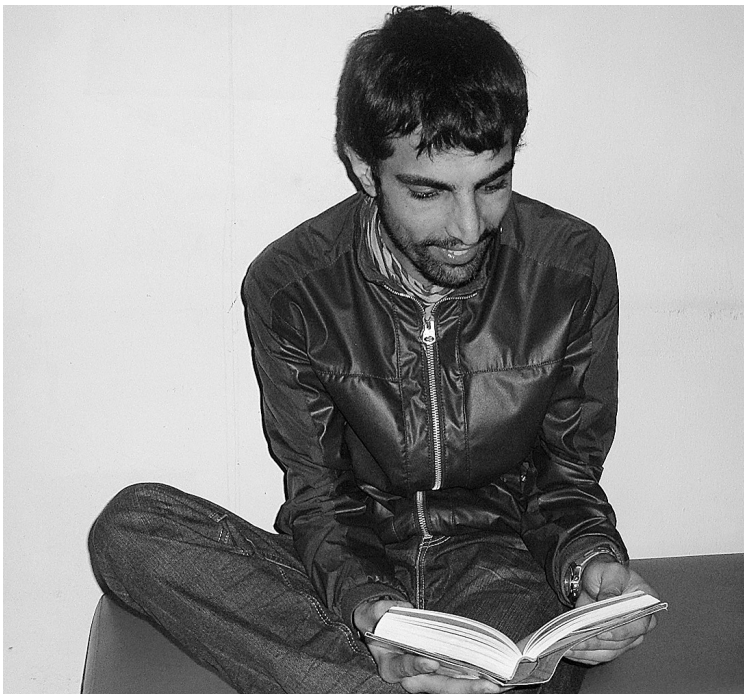
Kadir Cansi, natural de Istambul, esteve nos Açores através do programa Erasmus e fala-nos da sua experiência

O que te fez entrar no programa Erasmus?

Eu estou interessado em culturas, línguas e pessoas diferentes. O programa é um "caminho mais curto" para conhecer isto tudo, ao mesmo tempo que posso frequentar o mesmo tipo de curso que tinha em Istambul.

Vens de um país com uma cultura diferente de Portugal. Quais foram as maiores dificuldades que tiveste e como as superaste?

Quando estive nos Açores escrevi um ensaio sobre globalização e multiculturalismo. De uma forma geral, não existe grande diferença. Istambul e Ponta Delgada, por exemplo, são cidades à beira-mar: na Turquia via o Mar de Mármara e nos Açores o Oceano Atlântico. Mas é evidente que existem diferenças. Primeiro, Istambul tem uma população de 15 milhões de habitantes. Muita



“A minha experiência de Erasmus nos Açores foi como um sonho”, revela Kadir

gente, carros e casas... A minha vida em Ponta Delgada foi agradável. Em 24 horas eu podia fazer muita coisa; havia tempo para fazer tudo. Segundo, a alimentação foi a minha grande dificuldade. Eu nunca tinha cozinhado antes e nos Açores fiquei enfastiado de

comer hamburgers e sandes. Então aprendi a cozinhar, o que me fez saborear muitos cozinhados à base de peixe dos Açores. **Quais foram as tuas primeiras impressões quando chegaste aos Açores?** Cheguei aos Açores num domingo. Não havia ninguém na cida-

de. Apanhei um táxi para ir para a residência. Não esperava uma ilha como uma espécie de selva verde em tamanho gigante.

Certamente que encontraste grandes diferenças entre universidades e sistemas de ensino. Na tua opinião qual é a diferença maior?

A grande diferença é o sistema de educação. Em primeiro lugar, cada aula dura uma hora e meia na minha universidade, mas ninguém fica até ao final da aula. Nos Açores cada aula dura duas horas. Em Istambul tenho por semestre dez disciplinas, que penso serem muitas. Mas a grande diferença é que nos Açores professores e alunos são como uma grande família. Na minha universidade os professores são sérios e há poucos alunos de que nos possamos considerar amigos próximos.

A língua deve ter sido o maior obstáculo no dia-a-dia na Universidade. Consideras que tiveste o apoio, por parte dos professores e colegas, essencial para concluíres as disciplinas em que estavas inscrito?

Concordo a 100%. É uma memória que vou guardar para sempre. Os meus professores, os meus colegas e os meus amigos do programa Erasmus ajudaram-me

bastante a ambientar-me à vida nos Açores.

Tiveste contacto também com alunos de outras universidades estrangeiras. Como descreves a tua relação com eles e que papel tiveram na tua estada?

Esse era o meu principal objectivo antes de ir para os Açores: conhecer novos amigos. Foi difícil comunicar com os espanhóis e italianos porque eles falavam sempre nas suas línguas nativas, mas isso não era problema quando se estava em festas. Com eles podes divertir-te muito. Eu fiquei em casa de italianos, espanhóis, brasileiros e checos. É fantástico poder comer pasta dos italianos, ter festa com os brasileiros e ser colega de turma dos checos.

Como descreves a tua experiência nos Açores?

Como um sonho. É uma resposta curta, mas que cobre tudo: Erasmus, as Ilhas dos Açores, o Atlântico, amigos internacionais e muitas fotografias.

Depois de terminado o programa, consideras o Erasmus como uma experiência que vale a pena realizar?

Sim, agora tenho mais vontade de regressar a Portugal novamente, talvez para o mestrado.

TIAGO FURTADO (LICENCIADO EM CSC)

Video Jack – Novas experiências no audiovisual

Em 2004 nascia o Video Jack, um novo projecto desenvolvido na área do *video jamming* (VJ), uma nova forma de fazer música e vídeo. Novos conceitos de animação digital interactiva, filmagens em tempo real e em interacção com o público vieram mostrar uma nova fusão entre o som e a imagem, em que se exploram as potencialidades visuais e sonoras, proporcionando uma experiência única e inovadora ao espectador. Os responsáveis por este projecto são André Carrilho (ilustrador/designer/animador) e Nuno Correia (programador/DJ e músico). O projecto surgiu através da troca de ideias entre Nuno e André. "Começámos a falar sobre o assunto em 2002-2003. Ambos saíamos bastante à noite, e achávamos que poderíamos dar um contributo em relação ao que estava a ser feito em termos de VJ em Lisboa", diz Nuno, que trabalhava com música e a quem interessava ter uma vertente gráfica no seu trabalho. Aliados a variadas referências, a dupla constrói um objecto híbrido, através do cruzamento de linguagens

(vídeo e áudio), assumindo um carácter visual e interactivo e assim abrindo novos caminhos na área da música e do design. As inspirações para este projecto partem das animações essencial-

mente experimentais, construídas a partir de formas simples, muitas vezes abstractas, embora também recorram a elementos figurativos. Segundo os Video Jack, autores como Oskar Fischinger e Norman

McLaren, que desenvolveram entre os anos 20 e 70 algumas animações de carácter experimental, servem de referência para os seus trabalhos. "Essa sintonia (entre a música e a animação) tem

uma tradição longa, que foi muito explorada durante o século XX", conta Nuno Correia.

O projecto Video Jack apresenta-se como um momento performativo, em que a relação com o público é essencial. O objectivo é que todos se sintam estimulados a brincar com os gráficos. Seja no trabalho realizado ao vivo ou online, o público vai interferir no meio visual para músicas. Na sua vertente musical, apresenta uma combinação de *Dube jazz* que vão interagindo com percussões e *riffs* de guitarra e acabam por ser traduzidos em imagens pelo próprio espectador. Qualquer um poderá experimentar, basta aceder ao site www.videojackstudios.com para viver esta troca singular de experiências e informação.

Hoje o Video Jack ganha cada vez mais força. Lançou recentemente mais um novo componente, o *AVClash*, que segundo Nuno Correia ainda ganhará novas funcionalidades. Outros mais antigos como o *Avole* talvez o mais emblemático deles, *Heat Seeker*, ainda destorcem as cabeças.



ANTTI AHONEN

O (S)Em rede falou com Nuno Correia via Skype

Há um maior reconhecimento do vosso trabalho fora de Portugal. Você concorda?

Sim, concordo. Acho que resulta de duas coisas, que estão relacionadas. Primeira: o mercado para o qual trabalhamos é um mercado global. O nosso público é um ni-

cho, um público que está atento ao cruzamento entre música, visuais e novas tecnologias. Esse nicho em Portugal é muito pequeno, mas considerando uma escala global é um pouco maior. Segunda: nós promovemos o nosso trabalho com uma perspectiva global, e não exclusivamente nacional. Portanto, a atenção que nos é dada chega de diversos pontos do globo.

Quais os equipamentos que utilizam para o projecto?

Não somos muito exigentes com equipamento. Computadores pessoais normais, e em actuações uma mesa de mistura vídeo, alguns controladores MIDI. Tentamos manter as coisas simples em

termos de equipamento, de maneira a poder utilizar os projectos em diversas plataformas (performances, instalações, web).

Qual a sua opinião sobre as novas formas de comunicar, de lidar com a música e outras artes através dos recentes gadgets?

Penso que estamos ainda só a ver a ponta do iceberg em relação a fazer e experimentar música/arte com gadgets. Acho que poderão ter um papel muito mais preponderante, porque exploram outras formas de interacção para além do teclado e rato, que são bastante limitadores em termos de expressividade.

Acredita que em Portugal ainda haja

barreiras entre a música erudita e a popular, entre o electrónico e o acústico?

Sim, mas penso que essas barreiras existem também noutros países. Com a proliferação musical que existe actualmente, é mais fácil para a indústria musical arrumar a música em compartimentos. Felizmente há artistas a cruzar as diferentes áreas e a questionar essas barreiras.

Como vê as performances ao vivo e a vertente online? Complementam-se?

Sim, a vertente online possibilita ao público colocar-se na pele de performer e experimentar no seu computador as ferramentas que utilizamos ao vivo e criar a sua própria interpretação da

obra. Por outro lado, nem todos os que o desejariam podem assistir às nossas performances, e a versão online possibilita ter uma experiência do projecto que de outra forma não estaria ao alcance de todos.

Acredito que o Nuno e o André estejam em constante brainstorm. Embora o último projecto tenha sido lançado recentemente, o que podemos esperar do Video Jack daqui para a frente?

Queremos experimentar novas plataformas e continuar a desenvolver o nosso último projecto, AV Clash (www.avclash.com), adicionando novas funcionalidades.

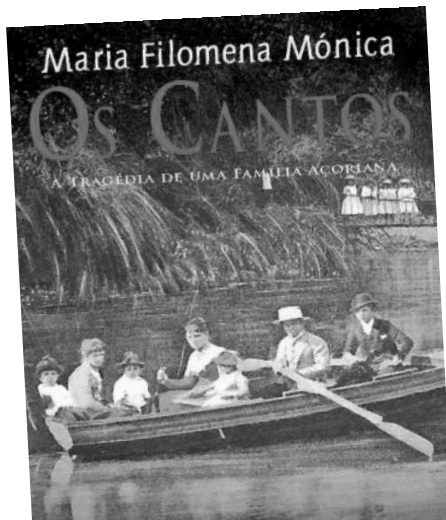
JÚNIOR LINS (3.º ANO CSC)

A ler

Os Cantos - o fascínio por um micalense europeu

"É o livro da minha vida". Com estas palavras Maria Filomena Mónica resume a ligação emotiva que a prende à matéria d' *Os Cantos*. Relatando factos reais, a partir de informações patentes em cartas e diversas obras académicas, a autora tempera a carne histórica e colectiva com os sabores do romance e do quotidiano pessoal. Resulta daí uma biografia que nos põe em contacto não só com os dados mais objectivos da vida de José do Canto - o seu percurso, a linguagem, os hábitos e os valores do seu tempo -, mas também com as emoções que ele viveu e a percepção do mundo filtrado pelo seu olhar.

Em mais de 400 páginas, a autora cobre os 78 anos de vida do biografado (1820-1898) e mostra os empreendimentos e ambições de um nome central numa geração ilustre de açorianos, cuja acção foi preponderante para a modernização de São Miguel. Igual-



Maria Filomena Mónica, *Os Cantos. A tragédia de uma família açoriana* (2010)

mente atento aos meandros mais íntimos da sua vida familiar, no âmbito da qual situa a "tragédia" dos últimos anos, o livro revela detalhes do casamento de José do Canto, das expectativas que desenvolveu para o futuro dos filhos e das amizades que manteve dentro e fora da ilha. Das "doenças de nervos" das senhoras micalenses, nomeadamente da mulher, cujo estado de saúde piorava sempre que o marido se ausentava, às vicissitudes da construção do porto de Ponta Delgada, à concepção dos jardins ou à consolidação da cultura do chá, o livro constitui uma oportunidade de divulgação de uma parcela relevante da história de São Miguel, abrangendo o período mais expressivo do chamado "ciclo da laranja". Além de seguir os passos de José do Canto, a sua paixão por plantas exóticas e por Camões, a narrativa leva-nos ainda a perceber a proximidade da elite micalense com as

principais capitais europeias, Londres e Paris, bem como a reviver termos e expressões do passado preservados na linguagem epistolar que a obra reproduz profusamente. Talvez sob o efeito da forte impressão causada pelo exemplo humano do *livro da sua vida*, a autora vai sugerindo, ao longo das páginas, a adequação de uma moldura literária ao percurso pessoal de alguém que, embora nascido numa região periférica, extravasou, em diversos aspectos, o âmbito do arquipélago e até do país. A atmosfera literária insinua-se no título (recordando *Os Maias*), na "tragédia" nomeada no subtítulo, nas referências que o Epílogo faz à obra de Eça e na afirmação sugestiva que abre o livro: "Nunca se recuperava de uma infância feliz." Há vidas que davam um romance.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA (DOCENTE DO DLLM)